

**MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE UM CURSO DE HISTÓRIA NA DITADURA MILITAR:
mitos, rótulos e contradições**

TIMBÓ, Isaíde Bandeira¹

Neste texto apresento olhares convergentes e divergentes sobre o ensino de História experienciado no processo de formação de professores de História no período da ditadura militar a partir dos relatos de ex-docentes e ex-discentes. São diferentes experiências partilhadas, que, como mosaicos, por meio da análise histórica, aos poucos caracterizam o Curso de Licenciatura em História da Faculdade de Filosofia do Ceará/Universidade Estadual do Ceará (FAFICE/UECE).

O uso da memória, construída e em construção, como objeto de estudo intenta análises das reminiscências, capaz de mostrar conflitos e tensões, onde em geral só se via calma (superficial). Neste caso, exige-se do historiador sensibilidade para enxergar nesta teia relacional a complexidade da História. Embora muito dos entrevistados para esta pesquisa de mestrado desejassem conscientemente esquecer o vivido FAFICE/UECE, não dá para negar que ficaram marcas daquele período de ditadura, perceptível pela forma como falam - com vergonha, ressentimentos, raiva ou mesmo com saudades – de suas experiências.

Como se não bastasse o processo acríptico favorecido no decorrer das aulas, havia ainda, por parte de alguns professores, a construção de rótulos para discriminar os alunos, como ressalta o próprio ex-docente entrevistado José Maria: "...quando eu cheguei na UECE, tinha muito cabeludo, e eu não me acostumava com aquilo,"² ou seja, o bom aluno, além de concordar em tudo com o professor, seria aquele que andava bem vestido, pelo menos limpo, cabelos penteados, conforme completa o entrevistado, ex-discente, José

¹ Professora das disciplinas de Didática do Ensino de História e Prática de Ensino do Curso de História da Universidade Estadual do Ceará - UECE. E técnica da área de História do Centro Regional de Desenvolvimento da Educação – CREDE 01/SEDUC-Ceará.

² Entrevista realizada no dia 25 de fevereiro de 2003, às 15:00 h, no apartamento do entrevistado. José Maria é coronel aposentado do Exército e do Departamento de História da UECE.

Clerton: “Havia censura, até com relação à forma como você se vestia, sentava, falava; eu acho que seria uma espécie de reprodução do quartel para os muros da Universidade.”³

Neste aspecto, o entrevistado, ex-discente, Manoel Alves também conta um episódio que foi discriminado por estar cabeludo e barbado durante a aula de um professor coronel do Exército, pois, ao discordar de sua posição numa aula sobre Duque de Caxias e fazer alusão a uma greve de servidores do ABC em 1979, foi chamado de subversivo, sendo obrigado a se retirar da sala.

Não busco, assim, uma visão homogênea da situação, da contestação como regra, mas suscitar reflexão dos limites e conquistas do cotidiano no espaço universitário, que me remete a pensar também sobre a formação docente, que o respeito à pluralidade de opiniões é uma questão de postura diante do ato de ensinar, tendo em vista, além da práxis pedagógica, uma práxis social. É difícil imaginar uma postura diferente de um professor de farda na ditadura, porém uma contradição em seguida deste fato relatado se dá, pois houve um pedido de desculpas de ambas as partes e o próprio ex-discente o entrevistado Manoel Alves, destaca: “...ele [o professor coronel] ficou meu melhor amigo na UECE, pra você ter um idéia, legal demais!”⁴

Além do aluno ideal, também se configurava para o entrevistado, ex-docente coronel José Maria Oliveira, a imagem do professor ideal que lembra com saudades de quando era instrutor da Escola Preparatória do Exército (1951 a 1961) e afirma: “naquela época se era ‘professor mesmo’. Sim, porque não só de conteúdos, muitas vezes conhecia os alunos, mais que os próprios pais, e a gente era mais dedicado, tinha mais tempo.” E lamenta a situação do Departamento de História da época, em que havia por parte de alguns colegas professores um descompromisso com a Instituição, exemplo: “Nas reuniões de Departamento na UECE muitos não compareciam...”. Diante desta realidade, acaba

³ Entrevista realizada no dia 07 de maio de 2003, às 9:00 h, no gabinete do entrevistado na UNIFOR (Universidade de Fortaleza). José Clerton de Oliveira Martins é doutor em Psicologia Social; Docente titular do Departamento de Psicologia da UNIFOR.

⁴ Entrevista realizada no dia 17 de janeiro de 2003, às 9:00 na casa do entrevistado. Manoel Alves atualmente é professor do Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras do Sertão Central – FECLECS – (Núcleo da UECE).

rotulando: “O professor da iniciativa privada age diferente. É como o médico do INAMPS e o particular.” E ainda o entrevistado Manoel Alves fez questão de dizer que no que diz respeito ao mundo intelectual era uma “...universidade frouxa, sem aquele disciplinamento acadêmico...”.

O espaço universitário da FAFICE/UECE na época da ditadura militar parece claramente dividido entre os que estavam a favor ou contra a ditadura militar do período, porém, ao adentrar a análise, é possível perceber que as coisas não se apresentam tão simples assim, pois os mitos, os rótulos e, principalmente, as contradições permeavam as relações sociais.

Então, não se pode esquecer das exceções das práticas pedagógicas como as da professora Luíza de Teodoro, mencionada por quase todos os nossos entrevistados, como o ex-discente Paulo Emílio: “Era com quem havia diálogo, era na verdade uma tábua de salvação do curso de História.”⁵ Como também afirma nossa entrevistada Maria do Carmo, com relação à professora Luíza de Teodoro: foi uma “... grande articuladora de uma nova postura diante da realidade da História...(...) ela inovou na maneira de fazer...”⁶ E esta inovação passa pelo espaço da discussão que era proporcionado nas suas aulas, no ambiente onde o comum com outros professores era apenas falar e os alunos deveriam ouvir, como numa educação “bancária”. Outro entrevistado, ex-discente Gisafran Jucá, anota que a referida professora era em sala de aula “...uma pessoa perspicaz e se propunha à inovação...”⁷ Enfim, Luíza de Teodoro conseguiu ser um mito, pois marcou por seu fazer teórico-metodológico.

Vale também destacar a posição da professora Zaira Parente, que, de acordo com o entrevistado José Clerton, não tinha medo da criticidade, pois não pertencia a

⁵ Entrevista realizada no dia 10 de junho de 2003, às 15:00 h, na sala dos professores do Departamento de História da UECE. Paulo Emílio de Andrade Aguiar é mestre em História e Geografia; Docente do Departamento de História da UECE e de Cursinhos em Fortaleza.

⁶ Entrevista realizada no dia 13 de março de 2003, às 15:00 h, na residência da entrevistada. Maria do Carmo Ribeiro Araújo é mestre em História do Brasil pela Universidade Federal Fluminense; Docente aposentada do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará.

⁷ Entrevista realizada no dia 12 de fevereiro de 2003, às 8:00h, na sala do Mestrado de História Social da UFC. Gisafran Jucá é aposentado do Departamento de História da UFC, professor Titular do Departamento de História da UECE, e sócio efetivo do Instituto Histórico, Geográfico e Arqueológico do Ceará.

nenhum quartel. Ele lembra: “... a Zaíra, que dava aula, se não me engano, de Brasil, apesar de trazer uma abordagem romântica, (...), mas era possível conversar com ela sobre posturas, questões críticas.”

É possível relatar ainda uma outra contradição na fala do entrevistado Paulo Emílio, um “subversivo” assumido. Durante a entrevista, declarou que conseguiu fazer amizade com um dos professores coronéis, o professor Danziato, pois este foi capaz de adverti-lo quanto a sua perseguição pela direita, e afirmou: “Eu tenho uma gratidão muito grande a ele por isso, apesar de ser um coronel, um bonachão, muito boa vida, era uma pessoa sensível, e dizia abertamente que não concordava comigo, mas que gostava de mim...”.

Que contradição! Um estudante militante declaradamente de esquerda sendo ajudado por um professor coronel e, sem dúvida, de direita! Algo similar ao que aconteceu com a professora mais citada pelos(as) entrevistados, Luíza de Teodoro, que também era considerada subversiva, mas foi ajudada pelo governador Virgílio Távora (que estava do lado da ditadura Militar) na época da repressão, o que evitou com que fosse presa, como a própria afirmou em entrevista: “Eu era a comunista oficial da cidade. (...) Não fui presa graças ao governador Virgílio Távora, um grande homem, de direita.”⁸

É fundamental entender que o espaço social é permeado de contradições, sendo importante considerar a relação professor/aluno como ponto de referência na compreensão de perspectivas diferentes no processo de ensino-aprendizagem em História, pois “... respeitar as diferenças e a pluralidade de idéias indicam um posicionamento político diante do conteúdo e da educação...”⁹ E naquele momento da FAFICE/UECE poucos tinham esta percepção.

O silêncio imposto pela censura, como exemplo, pelo Decreto-lei n°. 477/69, que proibia qualquer manifestação de cunho supostamente subversivo no espaço institucional, foi rompido em vários momentos, dentro e fora da universidade, ou seja, as diversas formas

⁸ Entrevistada concedida à professora Selva Guimarães FONSECA. *Ser Professor no Brasil - História Oral de Vida*. São Paulo: Papyrus, 1997, p. 132.

⁹ NUNES, Silma do Carmo. *Concepções de Mundo no Ensino de História*. Campinas: Papyrus, 1996, p.42.

de romper esse silêncio aconteceu de maneiras diferentes no espaço universitário, que não se limitaram às atividades promovidas pelo Movimento Estudantil.

Assim, a partir das ações que se processaram no espaço universitário reveladas pelos entrevistados, é possível fazer uma bricolagem¹⁰ para caracterizar e melhor interpretar o vivido, pensado, sentido, sofrido, que prefiro chamar conforme Certeau: “Táticas”. Apesar da tática ser considerada a “arte do fraco”¹¹, é possível dizer que é antes uma característica da astúcia própria ao ser humano, que bem sabe fazer uso das brechas e, assim, torna-se forte diante das circunstâncias.

O que por diversas vezes aconteceu na FAFICE/UECE, no curso de licenciatura em História em pleno contexto da Ditadura Militar foi a “...arte de dar golpes no campo do outro...”¹², de forma sutil e eficaz, mas, a princípio, como anota o entrevistado Agileu Gadelha: “Todo mundo era suspeito”¹³. Vivia-se no contexto de uma ditadura militar, assim como lembra o entrevistado Paulo Emílio: “O ambiente era difícil, fechado, de medo, de terrorismo, das pessoas serem deduradas, até mesmo pelos próprios colegas...”

De acordo com Selva Fonseca burlar foi muitas vezes a solução para preservar o espaço reflexivo do ensino de História, quando, apesar da repressão em muitas salas de aulas das faculdades do país, ocorreram “...formas de resistência e de adaptação às mudanças na estrutura e no funcionamento do ensino brasileiro.”¹⁴

É importante, portanto, analisar “as ‘formas surdas’ de resistência”¹⁵, como as conversas que aconteciam na Faculdade sobre o contexto nacional, num bate-papo a princípio sem maiores pretensões, mas que semeavam olhares atentos à realidade vivida naquele momento. Dimensionar as resistências da maioria dos alunos e de alguns professores, que buscavam burlar as regras do “cale-se”! Apesar dos momentos, como

¹⁰ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p. 92.

¹¹ Idem.

¹² Idem.

¹³ Entrevista realizada no dia 09 de março de 2003, às 10:30, na sala dos Órgãos Colegiados da UECE. Francisco Agileu de Lima Gadelha é doutorando em História da Universidade Federal de Pernambuco; Docente Titular do Colégio Militar; Docente efetivo do Departamento de História da UECE.

¹⁴ FONSECA, Selva Guimarães. Op. Cit. 1997, p. 196.

¹⁵ KHOURY, Yara Maria Aun. “Narrativas orais na investigação da História Social.” In: *Revista Projeto História*. São Paulo (22) jun.2001.p. 18.

lembra a entrevistada Maria do Carmo, em que os alunos resolveram se acomodar ao que os professores lhes davam, porém destaca: “...digo acomodados mas não era uma rendição, era a constatação de que não dava para mudar nada naquele quadro, bem que a gente tentou...”.

As conversas relatadas pelos entrevistados desta pesquisa, que ocorriam nos corredores da Faculdade, é assim um exemplo da constatação da existência da tática no meio universitário, pois “...pelo fato de seu não-lugar, a tática depende do tempo, vigiando para ‘captar no vôo’ possibilidades de ganho.”¹⁶ Conforme Michel de Certeau, há “maneiras de fazer”¹⁷ que alteram ou reinventam formas de viver no espaço organizado e pré-fixado.

Quais “táticas” que se sobressaíam em um universo de formação de professores em meio a ditadura militar? Não se trata exatamente de identificar uma resistência aberta, mas de modo especial articular e demonstrar as dimensões de um fazer diferente no contexto de repressão, sem esquecer o caráter da repressão e opressão vivido por muitos. É importante perceber estas experiências de resistências, embates, muitas vezes “silenciosos” diante da realidade, mobilizações, posicionamento político assumido pelos corpos docente e discente da FAFICE/UECE no período já especificado. Alguns professores buscavam burlar tanta vigilância e mesmice, como lembra Agileu Gadelha, ao contar que a professora Luíza de Teodoro, para estimular a discussão, “trazia outros textos (...), mas os alunos ficavam com medo de ir a diante...”

Então, é possível afirmar que uma outra tática bem usada, pois se dava até de forma natural, era a discussão crítica que se fazia “...fora da sala de aula, nos intervalos...” como lembrou o entrevistado José Clerton. A entrevistada Maria do Carmo reforça esta idéia dizendo que se reuniam na cantina, nos banquinhos e nos bate-papos e discutiam questões nacionais e específicas da Faculdade. E, assim, dentre outras ricas maneiras, se buscava romper o imobilismo que se tentava impor no espaço universitário!

¹⁶ Id. Ibidem., p. 47.

¹⁷ CERTEAU, Michel. Op. Cit. p. 41.

Dentro da Universidade, entretanto, como lembra o entrevistado Paulo Emílio, ele fazia uso das táticas, pois tinha claro seu compromisso com sua organização trotskista e assim anota: “...eu não podia me expor, e no momento que eu não tinha condições de me expor eu frejava as minhas palavras na hora de fazer qualquer declaração em sala de aula.” Também lembra o entrevistado José Clerton: “com relação ao ensino de História, tudo que nós aprendemos na época, tenho certeza, fomos buscar sozinhos, pois daquele universo de professores, apenas uns três tinham perspectivas críticas e favoreciam isso em sala de aula...”

Em geral, buscava-se fazer diferente principalmente fora dos muros da Universidade, como ler Marx via partidos políticos, como diz o entrevistado Gisafran Jucá “...você até lia sobre Marx, mas não na Universidade; mas fora, era via partidos políticos...”. Por isso, outro entrevistado, Paulo Emílio, fez questão de afirmar: “A minha formação foi muito mais uma formação dentro do meu partido, dentro da minha organização (...) aliás nós líamos muito mais do que dentro da Faculdade”. E este aluno ainda acrescenta com relação a cursar um nível superior em História: “...na verdade aquela formação era só para obter um título, porque a maioria dos colegas fazia era estudar em casa, pela sua biblioteca, e praticamente era autodidata em História.” Como exemplo, o caso do entrevistado Lucio Caminha, que também ressaltou: “...minha formação em História se deu depois que eu terminei o curso (...) comprei muitos livros...”¹⁸ Também o entrevistado José Clerton disse: “...fazia questão de desenvolver uma criticidade nos meus alunos que a Universidade não desenvolvia em mim durante o período de universitário...”.

Buscar uma ação diversa era urgente para aqueles que percebiam e viviam um curso estagnado, no que diz respeito a análise crítica e produção do saber, e participar de instituições como ANPUH (Associação Nacional de História) foi para alguns um outro caminho salutar, como no caso do entrevistado Manoel Alves, ao salientar que esta

¹⁸ Entrevista realizada no dia 21 de março de 2003, às 9:00 h, no gabinete do entrevistado no Departamento de História da UECE. Antonio Lucio Porto Caminha é mestre em História do Brasil pela Universidade Federal de Pernambuco; Docente do Departamento de História da UECE.

Associação deu “aquilo que a Faculdade não me ensinou (...), uma reviravolta na nossa cabeça no ponto de vista da concepção de História, da metodologia da História...”

É importante lembrar que, em 1977, no Simpósio Nacional da ANPUH, em Florianópolis, foi aberta a filiação de professores do ensino fundamental e médio: “A ANPUH foi, sem dúvida, um dos fatores para que a deformação da História no regime autoritário não se agravasse mais.”¹⁹ Embora de acordo com Maria do Carmo Martins²⁰, a ANPUH tenha tido pouco embate efetivo contra o poder ditatorial, haja vista a manutenção do artigo 3º do seu Estatuto de Fundação, que data de 1961, o qual prescrevia que não cabia à Associação parte em manifestações políticas ou religiosas. Este Estatuto só foi refeito com eliminação deste artigo em 1981, no XI Simpósio Nacional da Associação, na Paraíba.

Num ambiente acadêmico onde a crítica e a reflexão não têm espaço, descaracteriza-o, os gritos podem não ter sido ouvidos em virtude do “cale-se” ou melhor do “cálice”²¹ da repressão, mas eles existiram de acordo com diversos alunos da época entrevistados para esta pesquisa.

Enfim, embora a FAFICE/UECE tivesse no seu quadro uma maioria de docentes que comungavam da idéia ditatorial, não se pode deixar de reafirmar que o contrário também existia, entre docentes e discentes. Não se trata exatamente de homogeneizar uma prática de resistência, mas, de modo especial, articular e demonstrar as dimensões de um fazer diferente, ou melhor, fazeres diferentes, sem esquecer o caráter da repressão e opressão vivido por muitos, mas as táticas foram e são fundamentais no cotidiano, na constituição do ser histórico de cada ser humano.

¹⁹ SILVA, Werneck da. *A Deformação da História ou Para Não Esquecer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1985, p. 74.

²⁰ Cf. MARTINS, Maria do Carmo.. *A História Prescrita e Disciplina nos Currículos Escolares: quem legitima esses saberes?* Bragança Paulista: UDUSF, 2002.

²¹ Música de Chico Buarque, em parceria com Gilberto Gil, que, no festival da Phonograma (antigo nome da PolyGram) em 1973, teve o microfone da dupla desligado, mas acabou virando sucesso na fase da abertura política (década de 80), com a dupla Chico Buarque e Milton Nascimento.